

ARQUEOLOGIA & História

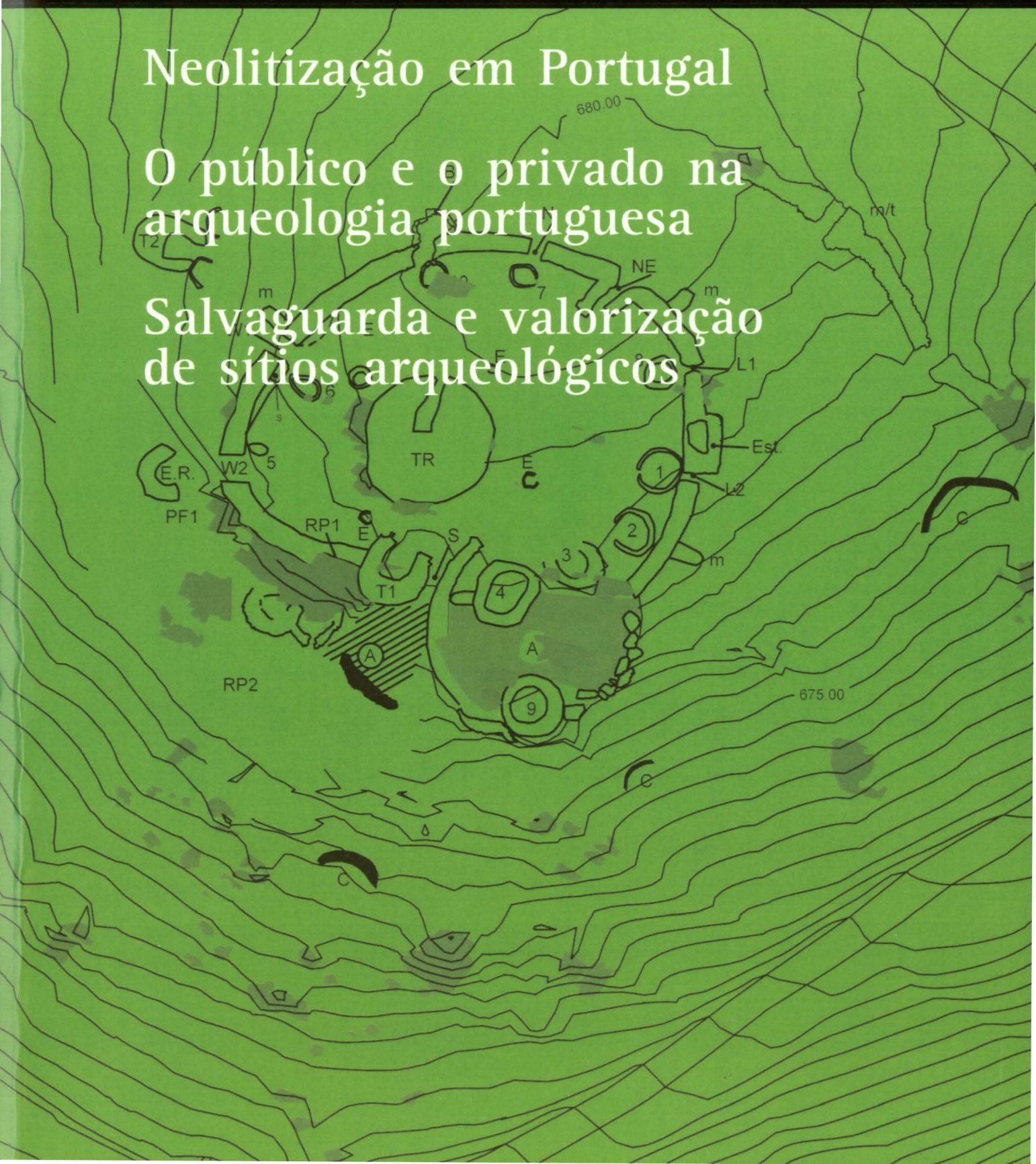


Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº55 | 2003

Neolitização em Portugal

O público e o privado na
arqueologia portuguesa

Salvaguarda e valorização
de sítios arqueológicos



Titulo
Arqueologia e História

Volume
55

Edição
Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa
Tel: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Direcção
José Morais Arnaud

Coordenação
Paulo Almeida Fernandes

Projecto gráfico
oficina de design Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros

Impressão
Publidisa

Tiragem
350 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses
ISSN
972/9451-39-7

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Ao artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

O contributo de D. Fernando de Almeida para o estudo da Alta Idade Média em Portugal

Paulo Almeida Fernandes¹

D. Fernando de Almeida (1903-1979) dedicou-se ao estudo da Antiguidade Tardia e da época visigótica quando contava já meio século de vida, mas o trabalho que ainda pôde desenvolver, nos vinte e cinco anos seguintes, valeram-lhe o estatuto de investigador maior nesta complexa área de estudo.

Será de elementar justiça dividir a historiografia artística e arqueológica, que o século XX português produziu acerca dos inícios da Idade Média, em dois períodos fundamentais: antes e depois de Fernando de Almeida. Uma breve análise à sua obra prova que não foi apenas mais um investigador, entre outros (poucos), a dedicar-se ao estudo do nosso passado altimedieval. Muito pelo contrário. A D. Fernando de Almeida devemos o primeiro verdadeiro, e sistemático, inventário da *Arte Visigótica* no nosso país, um passo qualitativo sem precedentes no panorama nacional (MACIEL, 1996: 106), especialmente quando comparado com a síntese efectuada por Vergílio Correia, em 1928, sobre este mesmo período.

Mas devemos-lhe mais. Num tempo historiográfico e metodológico que não é o de hoje, Fernando de Almeida inaugurou uma linha de investigação monográfica, que com o seu desaparecimento praticamente se encerrou. O volume que dedicou à *Egitânia* permanece, ainda, como principal estudo monográfico da antiga cidade romana e diocese suevo-visigótica.

E devemos-lhe ainda um modelo interpretativo que fez escola e que se assumiu, por largas décadas, como o quadro metodológico de catalogação de um sem número de fragmentos, ditos *visigóticos*. A divisão do vasto espólio altimedieval, por si identificado, em três grupos fundamentais (lusitânico, olissiponense e suévico) é o resultado de um ponto de chegada da historiografia, como veremos, mas corresponde a uma sistematização de índole cultural e, até, sociológica, muito para além da simples identificação e descrição de vestígios arquitectónicos e escultóricos.

O presente artigo é uma leitura pessoal da obra de quem mais contribuiu para o conhecimento da presença visigótica em Portugal. Ele resulta do nosso próprio entendimento dos rumos e perspectivas de estudo, ensaiados ao longo de praticamente um século de

moderna historiografia. Não constitui mais um de tantos elogios póstumos, elaborados por ocasião de uma qualquer celebração; é o nosso sincero contributo para que a História valorize quem, efectivamente, fez História, alheio aos laços afectivos e às circunstâncias conjunturais que teimosamente continuam a ser factores de resistência a uma correcta avaliação da nossa herança historiográfica.

1. O programa de acção

"Por não estarem ainda bem delineadas entre nós, à falta de elementos, as directrizes seguidas na arte visigoda, o estudo dos vários centros de influência e suas características, é indiscutível a utilidade de carrear tudo o que a pouco e pouco vai aparecendo"

ALMEIDA, 1954: 4

A opção pelo inventário sistemático e criterioso das peças entendidas como *visigóticas* foi o grande mérito do esforço de Fernando de Almeida. Pela primeira vez, a História da Arte e a Arqueologia portuguesas dispunham de um investigador especificamente vocacionado para o estudo da Alta Idade Média.

O carácter exaustivo da sua pesquisa conduziu a resultados verdadeiramente inesperados à época. Na década de 50, quando iniciou as suas investigações, a opinião corrente era a de que o período visigótico estava muito mal representado em Portugal, existindo ainda uma aparente contradição entre Norte (onde se situavam os principais monumentos) e Sul (região com maior número de peças e mais densamente representativa da escultura). Trabalhos de Vergílio Correia (1928), Aarão de Lacerda (1940 e 1942) e Manuel Monteiro (1949) haviam acentuado a precaridade e o carácter fragmentário dos vestígios desse período. Ora, em 1962, na hora de publicar a sua tese de Doutoramento (em Arqueologia e História da Arte), Fernando de Almeida revolucionava o panorama nacional da arte visigótica, dando-lhe visibilidade e credibilidade científicas.

A *Arte Visigótica em Portugal* é o resultado de um programa de acção coerente, desenvolvido ao longo de

quase uma década, e cuja continuidade haveria ainda de revelar importantes resultados nos anos seguintes. Aqui confluem os três níveis de investigação que identificamos na obra deste autor: o inventário; o estudo monográfico e a definição de um modelo interpretativo, tutelar dos dois anteriores.

Fernando de Almeida partiu de um inquérito-tipo, na maior parte dos casos esquemático, mas que possibilitou o conhecimento de abundante material disperso, potencialmente esquecido ou nunca referido, caso não tivesse sido recenseado na altura. Os méritos deste esforço são facilmente reconhecidos e é a esse catálogo, organizado "por grupos e por tipos, para melhor poder ser estudada a sua feição ou particularismo local" (ALMEIDA, 1962: 106) que constantemente, e invariavelmente, recorremos ainda hoje. Ainda que não lhe tenha sido possível arrolar todos os fragmentos dispersos pelo país (HAUSCHILD, 1996: 11), a *Arte Visigótica em Portugal* é o mais consistente contributo para aquela base de dados que um dia se criará (assim o esperamos) sobre a arte altimedieval em Portugal.

Mas Fernando de Almeida não se limitou a publicar materiais, nem a engrossar o *corpus* da arte visigótica no Ocidente peninsular, numa linha puramente técnica, como na actualidade tantos investigadores o fazem. A par dessa constante preocupação em classificar o que aparecia, o seu programa de acção revestiu-se de outra complexidade e desenvolveu-se em outras duas direcções.

Por um lado, cultivou os estudos monográficos. É certo que, digno desse estatuto, podemos apenas considerar a sua dissertação de licenciatura, dedicada à *Egitânia*. Contudo, outros trabalhos, de menor escala, merecem uma catalogação aproximada. Referimo-nos aos capítulos que, em 1962, dedicou aos principais monumentos entre a dissolução do Império e a afirmação de uma Arte Visigótica: Odrinhas; Tróia; Torre de Palma; Balsemão; Montélios; Idanha-a-Velha; Santo Amaro de Beja; etc. E o trabalho, em continuidade, sobre Idanha e, em certa medida, sobre Montélios, reforça essa tendência monográfica.

Por outro lado, elaborou um modelo conceptual operativo em História da Arte e em Arqueologia, ao sistematizar, em três grandes núcleos estilísticos (suévico,

lusitânico e olissiponense), o crescente espólio datável dos séculos IV a VIII em território nacional. Em última análise, foi o culminar de um processo reflexivo sobre uma realidade material concreta, um ponto de chegada de um todo conceptual coerente.

No ponto seguinte, veremos como essa sistematização partiu de uma base historiográfica dominante muito específica. Por agora, importa concluir que, partindo da definição básica de um *corpus*, Fernando de Almeida deu-nos "balizas cronológicas e critérios classificativos", que permitiram "aferir conceitos, testar a lógica interna de um todo pela primeira vez objecto de reflexão, avançar para o estudo monográfico e equacionar monumentos paralelos" (MACIEL, 1996: 106).

2. A definitividade do seu modelo interpretativo

A definitividade de modelos explicativos é um dos maiores perigos científicos em que a maioria dos investigadores incorreu (e incorre, ainda hoje). Por possuírem demasiadas certezas num campo que deve ser de dúvida metódica e constante, por não reconhecerem validade científica em propostas e argumentações diferentes ou alternativas, por vaidade, por se negarem a reescrever a sua própria História, por resistência à mudança, por inúmeras razões desconhecidas, a historiografia artística está repleta de modelos conceptuais definitivos.

Por coerentes e acabados que possam parecer a quem os lê, estuda e segue, estes modelos são um sério obstáculo ao normal avanço da investigação. Porque não é imediata, nem é fácil, a consciência da sua definitividade. Porque, na maioria dos casos, fazem escola e são invariavelmente repetidos pelas gerações seguintes de investigadores. Porque, muitas vezes, a simples crítica construtiva foi (é) entendida como uma desconsideração pessoal.

A perigosidade desta atitude adquire contornos extremos no estudo da Alta Idade Média. Quanto maior o desconhecimento de determinado período, mais frequente é a ruína das certezas. E que melhor capítulo civilizacional para testar a relatividade da nossa herança racionalista que a Alta Idade Média peninsular?

Fernando de Almeida não assistiu à radical mudança historiográfica que levou à catalogação de moçárabe de muitos materiais por si classificados como visigóticos (REAL, 1995; 1998 e 2000; CABALLERO ZOREDA, 1994-95; 1997; etc.), nem à "refundação" dos estudos islâmicos medievais (TORRES). Contudo, estas mudanças, características das últimas décadas, tiveram antecedentes, alguns contemporâneos do autor da *Arte Visigótica em Portugal*, e outros mesmo anteriores. Em Portugal, a escassez de investigadores (e o pouco investimento nos estudos medievais) só muito recentemente permitiu a diversidade de perspectivas de estudo. Mas, em Espanha, desde, pelo menos, a década de 40 do século XX, que o modelo explicativo dominante – radicalmente visigotista –, contou com alternativas, menos visíveis, é certo, mas nem por isso de menor validade. E não será, sequer, necessário citar a vasta escola de estudos islâmicos do país vizinho, tremendamente activa nas décadas centrais do século XX, para se perceber como o primeiro arqueólogo da Idanha adoptou e explorou uma linha de interpretação definida por outros.

É à inserção de D. Fernando de Almeida numa corrente historiográfica dominante, e à forma como ela entendeu a sucessão de períodos artísticos na longa Alta Idade Média peninsular, que devemos parte da definitividade do seu modelo. Na sua essência, foi uma opção fortemente alicerçada numa visão cultural da sucessão de povos; não uma rejeição de propostas alternativas fundamentadas em evidências materiais, como muitos outros investigadores posteriormente se recusaram a equacionar. Vejamos em que medida.

2.1. O marco historiográfico dominante

Na avaliação da arte visigótica em Portugal, Fernando de Almeida integra-se numa corrente historiográfica específica, cujos pilares vinham sendo construídos desde os inícios do século XX. Em 1908, Lampérez y Romea dava o primeiro passo, ao publicar o volume de abertura da *Historia de la Arquitectura cristiana española*.

Lampérez y Romea fez escola não apenas em Espanha. Um ano depois, trazia a público um estudo sobre a igreja de São Pedro de Balsemão, trabalho fundamental para a perpetuação da classificação visigótica deste

templo. José Pessanha (1916 e 1927), Manoel Gómez Moreno (1919), Vergílio Correia (1928) e, inevitavelmente, Fernando de Almeida (1962) repetiram – e, em alguns casos, aprofundaram – os argumentos visigotistas deste autor. Por esta via, negava-se a datação pré-românica do templo lamecense, sugerida por Joaquim de Vasconcelos (1908), e retardava-se a sua integração na esfera civilizacional asturiano-leonesa por quase um século.

Outros autores foram fundamentais para a definição desta corrente. Emilio Camps Cazorla foi um deles e, provavelmente, o que desfrutou de maior sucesso ao longo do século XX. As suas ideias principais encontram-se expressas no capítulo sobre a "Arte hispano-visigoda" na monumental *Historia de España*, dirigida por Ramón Menéndez Pidal (1940). Obra de referência para várias gerações de investigadores, esta *Historia* foi sucessivamente reeditada na segunda metade do século XX, renovando-se as perspectivas de Camps, inclusive com algumas "adições" (LÓPEZ SERRANO, 1985).

Nos anos seguintes, dois outros nomes foram decisivos para a definição dos monumentos a integrar o capítulo da Arte Visigótica: Helmut Schlunk (1947) e Pere de Palol (1961 e 1968). Ao primeiro, devemos uma das mais importantes obras de investigação sistemática em solo peninsular, cuja personalidade própria gerou uma série de discípulos, que continuaram as suas teorias. Ao segundo, para além da intervenção arqueológica em muitos monumentos e sítios altimedievais, devemos as mais relevantes obras de divulgação das correntes visigotistas, organizadas em álbuns profusamente ilustrados e com um discurso não problematizante.

Obviamente que, entre estes autores, existiram diferenças, algumas próprias do meio século que separa Lampérez y Romea de Schlunk e de Palol. Contudo, todos contribuíram para a formação de uma corrente historiográfica homogénea, responsável pelo *corpus* de arquitetura monumental visigótica. Monumentos como Quintanilla de las Viñas, San Pedro de la Nave ou Santa Comba de Bande foram sistematicamente integrados no período visigótico, sem que outras perspectivas alternativas, em matéria de datação, fossem levadas em linha de conta.

Em boa verdade, as propostas alternativas a esta corrente dominante nunca tiveram verdadeira implantação. Manoel Gómez Moreno aceitou o visigotismo de muitos monumentos duvidosos. E José Camón Aznar, que em 1949 avançou com um modelo alternativo ao de Gómez Moreno (sobre a conjuntura artística cristã dos séculos IX a XI, que então apelidou «de repovoamento») não conseguiu impôr os seus argumentos sobre a decoração arquitectónica de la Nave ou de Quintanilla.

O sucesso desta Arte Visigótica – diferente da que muitos investigadores hoje assumem – foi decisivo para o pensamento de Fernando de Almeida. Mas este alicerçou-se, ainda, em outro tipo de influências. Apesar de ter sido o expoente máximo da investigação em Alta Idade Média, ao seu tempo, D. Fernando não foi o único a dedicar-se a esta etapa civilizacional no nosso país, e uma parte significativa das suas conclusões deve-se aos resultados de outros autores. No Norte, João de Moura Coutinho (1949, etc.) foi o mais acérrimo defensor do visigotismo de São Frutuoso de Montélios. A Sul, o trabalho de Abel Viana (1949), em Beja, reforçava o estatuto cimeiro desta cidade no contexto da arte visigótica. Pela relevância e visibilidade das suas conclusões, é em grande medida a estes dois nomes que devemos os grupos Suévico e Lusitânico.

2.2. Uma hierarquia qualitativa dos fenómenos artísticos da Alta Idade Média peninsular

O marco historiográfico dominante em que Fernando de Almeida se inseriu não foi, apenas, de índole catalogadora. Foi, também, quanto à natureza artística e aos méritos qualitativos da arte peninsular altimedieval. Neste contexto, quer os que seguiam as teorias visigotistas, quer os que defendiam datações mais tardias foram de uma impressionante consensualidade.

Na década de 50, a apreciação corrente do capítulo artístico protagonizado pelos Visigodos era francamente negativa: "uma arte decadente que, não tendo ideal próprio, aproveita de artes diversas em origem e idade elementos a que sucessivas degenerações conseguem dar fisionomia própria" (CORREIA, 1928: 387). E, de degeneração em degeneração, se haveria de chegar ao Românico. Do outro lado historiográfico, Manuel Monteiro, o

primeiro autor a recusar uma datação visigótica única para Montélios, considerava que os Visigodos mais não tinham feito que uma má cópia de fórmulas romanas e bizantinas (MONTEIRO, 1949, reed. 1980: 401).

Quando D. Fernando de Almeida surgiu no panorama da investigação histórica, o terreno estava, assim, perfeitamente delimitado. Se dúvidas (poucas) existissem quanto à classificação de alguns monumentos e materiais, nenhuma havia quanto à involução artística e estética da Alta Idade Média peninsular. D. Fernando foi, desta forma, o herdeiro directo de um processo historiográfico mais vasto de construção da Arte Visigótica, cujos principais divulgadores se encontravam em Espanha e cujo entendimento civilizacional foi muito mais unânime que as suas propostas de classificação. Esse entendimento civilizacional acentuava a progressiva e inevitável decadência dos fenómenos artísticos peninsulares entre o Romano e o Românico, degeneração acentuada pela destruidora invasão islâmica.

Neste sentido, a definitividade do modelo de interpretação proposto por D. Fernando de Almeida resulta menos do discurso encerrado acerca dos monumentos e peças que estudou. É o produto de quem, integrado numa corrente historiográfica dominante, considerou a Alta Idade Média peninsular um período de progressiva decadência artística, em que a qualidade da arte imperial romana foi perdendo fulgor, pelas sucessivas vagas de invasões, de povoamento e de contextos político-civilizacionais. Fernando de Almeida não rejeita a discussão acerca da possibilidade de alguns monumentos serem produtos parciais de contingentes moçárabes ou, em menor escala, de agentes asturianos. Simplesmente, ao considerar o período visigótico como superior aos posteriores, minimizou constantemente as supostas marcas dos séculos IX a XI. Sirva-nos de exemplo o caso de São Frutuoso de Montélios.

Na década de 60, o programa restaurador do templo estava paralisado há anos. Dúvidas surgidas quanto à cronologia de algumas partes (MONTEIRO, 1939 e 1949; FEIO, 1953-54), haviam determinado a suspensão dos trabalhos, facto que, a seu tempo, se haveria de tornar definitivo.

Em 1966, a Comissão Executiva das *Comemorações do XIII Centenário da Morte de São Frutuoso* organizou um debate acerca da retoma do projecto (BRITO, 2001: pp.268-269). Fernando de Almeida constituiu um capítulo nesta acesa discussão, publicando um pequeno artigo de reflexão sobre o destino a tomar neste contexto. Propôs, aí, a elaboração de um plano de estudo prévio a qualquer intervenção. No entanto, as suas palavras foram bem claras quanto à essência artística deste monumento: "incluímos o belo monumento paleo-cristão dentro de um bizantinismo ocidental, com possíveis, mesmo assim poucas, influências moçárabes" (ALMEIDA, 1968: p.6). Partilhando da gradação qualitativa altimedieval, como poderia equacionar que tão importante monumento estivesse temporalmente tão afastado da conjuntura romana?

Semelhante posição adoptou quanto ao grupo olisiponense. Verificando o eruditismo deste conjunto, e aprofundando as relações bizantinas identificadas por Helmut Schlunk (1945: 200-201), Fernando de Almeida equacionou que a sua realização pudesse estar associada à chegada dos mártires Santo Adrião e companheiros ao mosteiro de Chelas, em pleno reinado de Afonso III (finais do século IX) (ALMEIDA, 1958: 12; FERNANDES, 2005, no prelo), mas não chegou a assumir definitivamente essa hipótese.

E a lista de exemplos em que se testemunha uma prevalência qualitativa da época visigótica, sobre a dos séculos IX a XI, continua pelo templo de Santa Comba de Bande (ALMEIDA, 1962: 99), onde as influências moçárabes são minimizadas, e, mesmo, pela igreja de São Pedro de Lourosa (ALMEIDA, 1971: 26), um dos raros imóveis datados do século X. Sobre este último, decididamente o monumento mais debatido na primeira metade do século XX, Fernando de Almeida equacionou a sua provável origem visigótica, dada a qualidade do seu plano arquitectónico.

3. Idanha-a-Velha. Intervenção no "Santuário" da Arqueologia Medieval portuguesa

De todos os projectos de investigação em que D. Fernando de Almeida interveio, Idanha-a-Velha foi, sem

dúvida, o que mereceu maior atenção. A importância dos trabalhos que aqui desenvolveu, bem como o longo impasse que se lhe seguiu, conferiram a esta aldeia histórica o estatuto de verdadeiro projecto pioneiro no âmbito da arqueologia medieval portuguesa, e alguns dos que o acompanharam em escavações, naqueles meses de Verão das décadas de 50 a 70, catalogaram esse projecto como "a mais importante escola prática da arqueologia portuguesa" (SANTOS, 1980: 20).

Em Idanha, Fernando de Almeida não executou uma intervenção arqueológica pontual ou circunscrita a um único local. O seu projecto pretendeu abarcar toda a aldeia, intervindo onde existissem dúvidas para a história desta antiga cidade romana e diocese suevo-visigótica. Nos primeiros 8 anos de escavações, a sua acção centrou-se na "Sé-Catedral", mas tinha-se já alargado à Torre templária e templo romano, às muralhas, ao balneário, ao cemitério visigótico e à capela de São Dâmaso (ALMEIDA, 1962: 167). Paralelamente, interessou-se pela vasta região egitanense, não só fazendo trabalho de campo nas imediações, como participando activamente em áreas tão distantes como Penamacor (por ocasião da pretensão camarária em demolir a ponte romana da Bemposta), Aldeia do Bispo, Meimoa e Castelo Branco (BENTO, 1988: 18).

A Sé-Catedral-Basilica-Mesquita de Idanha-a-Velha é o local mais emblemático da sua acção e converteu-se, mesmo, no privilegiado monumento de memória deste arqueólogo. Aqui desenvolveu um trabalho sistemático, em continuidade, que foi muito para além da componente arqueológica. Numa primeira fase, estando o edifício em ruinoso estado de conservação, destelhado e com acentuado desgaste de cunhais e de paredes, o restauro, e sua reconversão em museu, foi o principal objectivo. Depois, trabalhou no exterior, em busca dos compartimentos em falta.

Aqui confluem as suas principais linhas de interpretação sobre a arte visigótica. Inevitavelmente, aqui se revela, também, a definitividade do modelo conceptual com que caracterizou a arte peninsular dos séculos V a VII.

Fernando de Almeida trabalhou neste monumento com a convicção pré-estabelecida de que se tratava,

efectivamente, da Catedral de época visigótica. Dois aspectos desta longa investigação confirmam esta circunstância: a procura de uma suposta capela-mor, que manifestamente não existia, e o programa de restauro por si conduzido.

A sugestão basilical do espaço interior, organizado em três naves (a central mais ampla e de maior elevação), conduziu à linear suposição de que a primitiva cabeceira tivesse ruído, em qualquer momento da conturbada história da aldeia. As pesquisas que efectuou, primeiro a Sul e, depois, a Norte, revelaram-se infrutíferas e nenhuma estrutura monumental, compatível com a excelência arquitectónica e artística de uma cabeceira catedralícia, foi encontrada (FERNANDES, 2001: 23-25).

Suspeitamos que o avanço dos trabalhos neste edifício determinou um relativo esmorecimento do projecto. Não temos provas concretas deste facto, mas existem alguns indícios que apontam para essa possibilidade. Se, em 1961, se pensava que a cabeceira da Catedral estava a Sul, a identificação do baptistério nesta zona, no Verão de 1962 (ALMEIDA, 1965), conduziu a problemas difíceis de resolver. Do lado Norte, apesar da possível continuidade de estruturas, o terreno estava a uma cota muito mais elevada, e a proximidade do muro delimitador da propriedade da família Marrocos comprometia a continuação dos trabalhos. Em 1977, num dos seus últimos trabalhos, Fernando de Almeida equacionava a existência de uma capela-mor a Norte, mas a verdade é que nunca escavou convenientemente essa zona, a ponto de, na última intervenção arqueológica, aqui ter sido identificado um segundo baptistério, a escassa profundidade da cota de terreno que o primeiro arqueólogo da Idanha nos deixou (CRISTÓVÃO, 2002: 14-15).

Perante a manifesta dificuldade em identificar a cabeceira catedralícia, terá D. Fernando, alguma vez, posto em causa a classificação de Sé visigótica para este edifício? Julgamos que não. Pelo menos, assim aponta o que nos deixou publicado.

A mesma definitividade conceptual está patente no restauro do edifício. O início das escavações foi determinado pela necessidade de se obter um espaço

museológico, em condições mínimas de exposição e de salvaguarda do crescente espólio. Por questões várias (FERNANDES, 2000), as obras apenas foram viabilizadas em 1964. Na perspectiva dos arquitectos da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), a quem coube a elaboração do projecto, o alteamento da estrutura e a forma do telhado foram problemas complexos, pela inexistência de paralelos estilísticos específicos. Verificado o impasse (e sendo inconclusivas as aproximações ao projecto de São Pedro de Lourosa, templo que repartia com Idanha o estatuto de monumento pré-nacional), Fernando de Almeida propôs uma solução com base na igreja de San Juan de Baños, Palência.

Não é difícil perceber a importância que este templo espanhol teve para a corrente historiográfica dominante de carácter visigotista. Sucessivos autores consideraram-na a mais exemplar construção religiosa erguida pela monarquia de Toledo, sendo das poucas datadas epigraficamente (ALMEIDA, 1962: 101; PALOL, 1988: 5). Por outro lado, se em Idanha as escavações haviam começado em 1955, em Baños elas arracaram um ano depois, facto que favoreceu a proximidade científica entre os dois monumentos (FERNANDES, 2000: 45). A solução que Fernando de Almeida preconizou em relação às janelas e ao grande janelão do topo Sul (que pretendia dotar de um rendilhado pétreo, à maneira de góssia), resultou dessa proximidade e, sendo Baños o mais visigótico dos monumentos visigóticos, então também as janelas seriam completamente visigóticas.

"Embora a sua perspicácia tenha notado algumas incongruências, D. Fernando de Almeida não resistiu a fazer coincidir pressupostos ideológicos com os resultados obtidos no terreno" (TORRES, 1992: 173).

Conclusão

À distância de três décadas, o trabalho de D. Fernando de Almeida, em *História da Arte* e em *Arqueologia*, pode parecer redutor, face às actuais exigências destes dois métodos de abordagem histórica e tendo em conta os múltiplos desenvolvimentos que marcaram os últimos anos. No entanto, como pensamos ter realçado, o seu

contributo está longe de se poder considerar circunstancial. Com os dados de que dispunha (e num momento em que (quase) não existiam variantes interpretativas para uma mesma realidade histórica), Fernando de Almeida inaugurou uma linha de investigação praticamente virgem no nosso país.

Durante um quarto de século, dedicou-se a um complexo civilizacional apenas superficialmente conhecido (pela inexistência de qualquer inventário preliminar), onde escasseavam os contributos monográficos e, sobre o qual, há largas décadas não eram actualizadas as perspectivas de conjunto. Após a sua morte, o panorama havia-se invertido completamente. A sistemática publicação de materiais, as abordagens monográficas aos principais edifícios e, especialmente, a *Arte Visigótica em Portugal*, são uma parte incontornável da herança historiográfica para todos quantos se dedicam à Alta Idade Média peninsular. Para além disso, a ele devemos os primeiros projectos de intervenção arqueológica, a médio-longo prazo, em sítios altimedievais, como o exemplo de Idanha-a-Velha tão claramente demonstra.

Será estafado usar um qualificativo tão banalizado como "o pai de..." qualquer coisa nova. Mas, para o estudo da Alta Idade Média em Portugal, Fernando de Almeida é, com absoluta certeza, o mais próximo que a ciência histórica reconhecerá. Quanto ao resto – à definitividade do seu modelo interpretativo; à discutível hierarquia qualitativa dos fenómenos artísticos entre o romano e o românico; à integração numa corrente historiográfica dominante, sem vislumbre de dúvida, ou de crítica... –, são características próprias do tempo historiográfico. Algumas (quase todas) tão flagrantemente actuais...

Notas

¹ Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR). Na realização deste estudo, manifesto o meu agradecimento à Dra. Conceição Machado e ao Dr. José Cristóvão.

Bibliografia (obras citadas no texto)

- ALMEIDA, Fernando de, *Pedras Visigodas de Vera Cruz de Mar-melar*, Lisboa, 1954
- IDEM, *Egitânia. História e Arqueologia*, Lisboa, 1955
- IDEM, "Pedras visigodas de Lisboa", *Revista de Guimarães*, vol. LXVIII, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1958, separata pp.3-25
- IDEM, *Arte visigótica em Portugal*, Lisboa, Dissertação de Dou-
toramento apresentada à Faculdade de Letras da Univer-
sidade de Lisboa, 1962
- IDEM, "O baptistério paleocristão de Idanha-a-Velha (Portugal)", *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, tXXXI, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1965, pp.134-136
- IDEM, "Problemas da capela de S. Frutuoso de Montélios", *Bracara Augusta*, vol.21, fasc. 47-48, Braga, 1967, pp.33-37 (separata, 1968)
- IDEM, "Vergílio Correia", *II Congresso de Arqueologia*, 1971
- IDEM, *Ruínas de Idanha-a-Velha. Civitas igaeditanorum. Egi-tânia*, Lisboa, 1977
- BENTO, Mário Pires, "À memória do mestre e amigo Prof. Dou-
tor D. Fernando de Almeida", *Arqueologia e História*, sér. X, vol. I/II (1), Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portu-
gueses, 1984-1988, pp.17-18
- BRITO, Maria Mónica, "As fases do restauro da capela de S. Fru-
tuoso de Montélios. A fragilidade da reintegração naciona-
lista face à evolução historiográfica", *Museu*, IV Série, nº10, Porto, Círculo Dr. José de Figueiredo, 2001, pp.223-277
- CABALLERO ZOREDA, Luís, "Un canal de transmisión de lo clá-
sico a la Alta Edad Media española. Arquitectura y escul-
tura de influjo omeya en la Península Ibérica entre el siglo
VII y inicios del siglo X", *Al-Qantara*, nº15, 1994, pp.321-348 e nº16, 1996, pp.107-124
- IDEM, "Observations on historiography and change from the
sixth to tenth centuries in the North and West of the Ibe-
rian Peninsula", M. DÍAZ-ANDREU, S. KEAY, ed., *The archae-
ology of Iberia. The dynamics of change*, Londres / Nova
Iorque, Routledge, 1997, pp.235-264
- CAMÓN AZNAR, José, "Arquitectura prerrománica española", *XVI Congrès International d'Histoire de l'art*, vol. I, Lisboa, Minerva, 1949, pp.105-123
- CAMPS CAZORLA, Emilio, "El arte hispanovisigodo", *Histo-
ria de España*, dir. Ramón Mendéndez Pidal, t. III, Madrid, 1940, pp.435-608
- CORREIA, Vergílio, "Arte visigótica", *História de Portugal*, dir.
Damião Peres, vol. I, Barcelos, Portucalense Editora, 1928, pp.363-388
- COUTINHO, João de Moura, "S. Frutuoso de Montélios", *XVI
Congrès International d'Histoire de l'Art*, vol. II, Lisboa /
Porto, Minerva, 1949, pp.149-161
- CRISTÓVÃO, José, *A aldeia histórica de Idanha-a-Velha. Guia
para uma visita*, Idanha-a-Nova, Câmara Municipal de
Idanha-a-Nova, 2002
- FEIO, Alberto, "A Arte da Alta Idade Média no Distrito de
Braga", *Bracara Augusta*, vol. V, nº26-28, Braga, Câmara
Municipal de Braga, 1953-54
- FERNANDES, Paulo Almeida, "O primeiro restauro da Mes-
quita-Catedral de Idanha-a-Velha, a propósito de uma
nota inédita de Fernando de Almeida", *Revista Raia*, nº20,
Castelo Branco, Ediraia, Mar. 2000, pp.42-47
- IDEM, *A Mesquita-Catedral de Idanha-a-Velha*, Lisboa, Centro
de Estudos de Teologia / Ciência das Religiões da Univer-
sidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2001
- IDEM, "Visigótico ou moçárabe? O núcleo de Alta Idade Média
da cidade de Lisboa", *Construindo a Memória. Exposição
Permanente do Museu Arqueológico do Carmo*, coord. José
Morais Arnaud e Carla Varela Fernandes, Lisboa, Associa-
ção dos Arqueólogos Portugueses, 2005 (no prelo)
- GÓMEZ-MORENO, D. Manoel, *Iglesias Mozárabes. Arte Español
de los siglos IX-XI*, 2 vols., Madrid, Centro de Estudios His-
tóricos, 1919, ed. facsim. Granada, Universidad de Gra-
nada, 1998
- HAUSCHILD, Theodor, "Prólogo II", MACIEL, Manuel Justino,
Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal, Lis-
boa, ed. autor, 1996, pp.11-12
- LACERDA, Aarão de, "Para a história das artes plásticas em
Portugal durante os séculos XII, XIII e XIV", *Congresso do
Mundo Português*, vol. II, Lisboa, Comissão Executiva dos
Centenários, 1940, pp.549-583
- IDEM, *História da Arte em Portugal*, Barcelos, Portucalense
Editora, 1942
- LAMPÉREZ Y ROMEA, Vicente, *Historia de la arquitectura cris-
tiana española*, t.1, 1908
- MACIEL, Manuel Justino, *Antiguidade Tardia e Paleocristia-
nismo em Portugal*, Lisboa, ed. autor, 1996
- MONTEIRO, Manuel, "L'Art pré-roman au Portugal", *XVI Congrès
International d'Histoire de l'art*, vol. I, Lisboa, 1949, pp.125-140, republ. *Dispersos*, Braga, ASPA, 1980, pp.400-417
- PALOL, Pere de, *Arte hispánico de la época visigoda*, Barce-
lona, Polígrafa, 1968
- IDEM, *La Basílica de San Juan de Baños*, Palencia, Diputación
Provincial de Palencia, 1988
- PESSANHA, José, *Arquitectura pré-românica em Portugal. S.
Pedro de Balsemão e S. Pedro de Lourosa*, Coimbra, 1927
- REAL, Manuel Luis, "Inovação e resistência: dados recentes
sobre a antiguidade cristã no ocidente peninsular", *IV Reu-
nião de Arqueologia Cristã Hispânica*, (Lisboa, 1992), Barce-
lona, Institut d'estudis Catalans, Universitat de Barcelona,
Universidade Nova de Lisboa, 1995, pp.17-68
- IDEM, "Os Moçárabes do Gharb portugueses", *Portugal Islâmico*,
Catálogo de Exposição, Lisboa, Museu nacional de Arqueo-
logia, 1998, pp.35-56

- IDEM, "Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe", *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media* (Mérida, Abril de 1999), *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, vol. XXIII, Madrid, CSIC, 2000, pp.21-75
- SANTOS, Manuel Farinha dos, "Elogio do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida", *Elogio do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1985, pp.17-27
- SCHLUNK, Helmut, "Relaciones entre la Península Ibérica y Bizancio durante la época visigoda", *Archivo español de arqueología*, vol. XVIII, nº60, Madrid, CSIC, 1945, pp.177-204
- IDEM, "Arte visigodo. Arte asturiano", *Ars Hispaniae*, vol. II, 3ª parte, Madrid, 1947
- TORRES, Cláudio, "A Sé-Catedral da Idanha", *Arqueologia Medieval*, nº1, Porto, Afrontamento / Campo Arqueológico de Mértola, 1992, pp.169-178
- VIANA, Abel, "Arte visigótica de Beja e seu termo", *XVI Congrès International d'Histoire de l'Art*, vol. II, Lisboa / Porto, Minerva, 1949, pp.139-147

Leituras



Associação
dos Arqueólogos
Portugueses